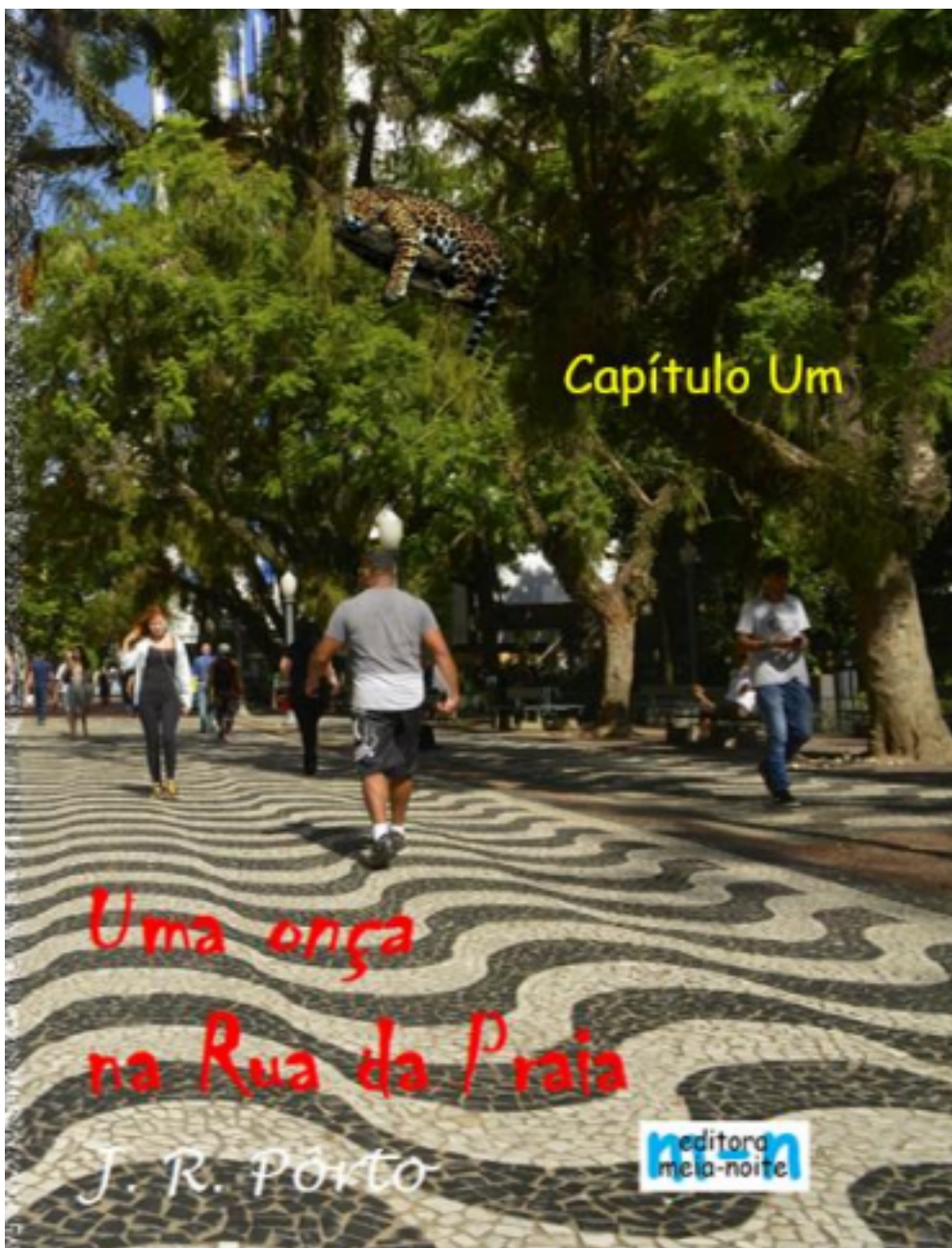




(J. R. Pôrto)

(Começo de assunto)

Claro que tão logo leu o título, você leitor, deduziu que este é um caso acontecido em um passado distante. A história gaúcha nos conta que antes dos açorianos, quando nossa cidade ainda era chamada de Porto de Viamão, as feras deram muito trabalho para os colonos. Mas não é este o caso. Os acontecimentos aqui narrados ainda são recentes; lembro como se tivessem acontecido ontem. Ou quem sabe, no máximo, mês passado.

Em um outro capítulo vou, talvez, contar o que eu estava fazendo naquela fria madrugada de sábado, na Rua dos Andradas, no centro histórico de Porto Alegre, a capital deste nosso pagossulista.

Quando tudo começou, eu recém tinha decidido parar de fumar.



De vez em quando eu levava a mão até os bolsos; um gesto automático de fumante. Acho que eu precisava era de um motivo para não admitir que estava com medo do cenário. Lembro ainda do tempo que podíamos andar no centro da cidade com a única preocupação de não encontrar algum dos malandros noturnos prontos para aplicar algum golpe financeiro nos incautos, que sempre apa

reciam por ali, a qualquer hora. E, hoje em dia, na madrugada, eu imaginava ser pior.

Não que eu tivesse costume de andarilhar pela noite porto alegre. Raras foram as vezes que me aventurei passear sozinho na madrugada. Mas ultimamente...

Minha amigã nicotina sempre me acalmava, em qualquer situação. Estava pensando se teria ainda muito tempo para passar pela agonia de não estar com um cigarro entre os dedos, quando me distraí com um leve ruído à minha direita.

Primeiro, notei que algo moveu os arbustos malcuidados, do lado de lá da estátua montada. Pensei não ser de minha conta, mas lembrei de um conto que li, onde a situação era semelhante e apareceu um alienígena para o personagem. Claro que eu nunca acreditei em seres de outros planetas, nem fantasmas, nem...

Bichos eu admito que existem. E eu vi. Achei que era o maior cachorro que eu poderia encontrar no meu caminho. Tudo bem, eu gosto de cães, mais até que da maioria das pessoas que conheço, mas um daquele tamanho...

Tomei a decisão de parar e conferir a situação. Foi uma audácia idiota; pensando ter visto um animal tão grande, a lógica seria eu manter distância. Hoje me preocupo em não repetir mais essa coisa de curiosidade.

A iluminação da praça não é das melhores, mas o bicho passou logo abaixo de um poste que tinha lâmpada acesa. Azar dele, ou meu; eu via o animal, e para minha aflição, reconheci uma onça adulta.

3

Quando ela saiu da minha visão, para atrás de outras árvores, olhei para todos os lados, procurando confirmação com mais alguém. Ninguém para compartilhar meus temores.

“Não poderia ser uma onça pintada. Não ali, não em pleno século vinte e um. Já é dois mil e vinte e aparece uma onça na Rua da Praia.” O mais próximo que eu tinha chegado de uma onça pintada foi quando menino, lendo os quadrinhos da turma do Pererê.

O galileu até que era uma onça simpática, mas a que eu tinha visto num relance não me causou a mesma sensação. Que coisa, não?

Ainda tentei fazer a volta nos canteiros para ver onde o animal estaria indo, mas não enxerguei mais ele. Até me enchi de coragem procurando entre as plantas, mas, felizmente nem rastros.

Fui para casa e fiquei discutindo comigo mesmo se poderia ter sido real, aquela minha visão. No solitário almoço, tomei algumas cervejas e tentei esquecer o bicho. À tarde, tentei assistir um filme umas três vezes; eu não conseguia me concentrar. Fui dormir tarde, com a sensação de ter sido vítima de um delírio.



(Notícias no Correio)

No domingo eu levantei mais tarde. Lembro por ser muito raro eu não acordar pouco antes do despertador anunciar as seis horas. No fim de semana o celular não toca aquela música moderna irritante que instalei de propósito, mas eu não consigo dormir de pois desse horário.

Mas, naquele domingo eu acordei perto das dez horas. Ainda fiquei na cama até decidir que não poderia ter visto uma onça na rua da praia.

Alguns amigos tinham falado do tal delírio tremoroso, causado pela abstinência, até da nicotina. Bobagem, pensei eu, eu não seria tão viciado assim.

4

Fiquei matutando até lembrar que sou, talvez, um dos últimos assinantes de jornal em papel, que ainda teima em ler fora dos computadores.

Saí para o pátio e fui até a caixa do correio. O chumaço de papel estava dobradinho desde o dia anterior.

Nada de onças. Sequer cachorros enormes. Mas uma, não,

duas notícias me deixaram com os pelos espichados, todos eles. Na primeira notícia, discreta apresentação, um indigente foi encontrado sem um braço, que a polícia deduziu ter sido arrancado, talvez algum tropeçamento, e que ele deve ter sangrado até morrer embaixo de uma marquise, a três quadras da Praça da Alfândega. A segunda reportagem, falou apenas de uma mulher encontrada escadaria do metrô, ao lado do mercado público, no centro; desfigurada por várias lacerações de instrumento cortante, no rosto enopescado. Acudida antes de se esvaír e levada para o hospital, permanecia em coma.

Pronto. Delírio uma ova. Aquilo não poderia ser coincidência.

Fui direto para o PC. Depois de certa idade, precisamos ler em algo maior que um smartphone. Nada. A última notícia de onça em Porto Alegre remontava de aparições com mais de noventa anos. Só namoda; incrível como tem tantas lojas de moda feminina com esse tema.

Algumas atualizações das notícias da noite anterior, confirmaram minhas suspeitas. O braço do indigente ainda não havia sido localizado. E a mulher ainda não tinha saído do coma para dizer quem havia esfaqueado ela.

Eu precisava conversar com alguém. Quem poderia me ajudar? Eu não podia correr para o jornal, falando que sabia que as pessoas tinham sido atacadas por uma onça. Ou poderia?

Me flagrei procurando por cigarros nas gavetas onde antes eu guardava. Se tivesse encontrado algum, adeus decisão. Talvez os tantos livros que li de Agatha Christie, pudessem ser, finalmente, de valia para minha fascinação por contos de mistério. E, outro talvez; eu pudesse compartilhar a história com meu (único)

parceiro de leituras e discussões literárias. O leitor mais assíduo que eu conhecia. Mário Siqueira era, além de leitor, um consumidor de todo tipo de ficção; cinema, revistas, quadrinhos, até em alienígenas acho que ele acreditava. Certa vez, ele confessou que seu grande sonho seria ter um emprego tipo o do Ford, que escrevia

para O Guia do Moço de Rodas Galáxias. Deus me livre, disse eu, sempre fui mais do tipo burocrático. Aventuras, apenas nos livros de ficção.



— Há, para com isso. Arthur Dent, você ficou maluco? — É Dënkhë, você sabe, é Artur Dênqui. Pensei que você acreditasse em histórias fantásticas.

— Gostar, meu amigo. Eu gosto, isso não quer dizer que acredito em tudo. E uma onça, hoje, na rua da praia, é um pouco exagerado, não é? Mesmo para nossos gostos literários.

— Então como explicamos? Coincidências? Duas? — Que tal agente agir igual os detetives dos livros? Vamossaire procurar pistas, descobrir o que pode estar acontecendo? — Brincar de detetive? Porque iríamos correr esse risco? Sevi rem um compridão igual a você e um baixinho e barrigudo que nem eu fazendo perguntas sobre uma onça... Não é melhor ir até a polícia?

— E dar para eles a glória? E ainda poderemos escrever um livro com a história, que tal?

— Nós? Escrevermos um livro? Quem sabe...



(Lentes, fuga e café para uma tropa)

— Arthur, preste atenção. Lanternas.

— Confere. Duas.

— Celulares

— Confere. Vários

6

— Todos funcionando?

— Claro. E uma câmera gravando desde já.

— Isso. Você falou que já era mais de duas horas, quando viu o bicho?

- Sim. Quase três.
- O que você estava fazendo por aqui, nesse horário?
- Não vem ao caso. Chegamos. Foi ali, ó.
- Entendi. Espere. Lá na esquina, vem vindo umbando.
- Normal, é a rua da praia. O calçadão não dorme. — É, e nós não podemos ficar na retada bandidos. Vamos disfarçar e continuar caminhando.
- Não adiantou, continuam nos seguindo.
- Eu logo vi. Vamos apurar o passo. Pronto. Vamos entrar no taxi.
- Ufa, foi por pouco.
- Preciso nem contar qual o nível de frustração que chegamos em minha casa.
- Siqueira parecia estar envergado sob seus quase dois metros de magreza e ironia.
- Eu, com os bolsos cheios dos aparelhos com que pretendia registrar a minha certeza de existir uma onça no calçadão da calçada, sentia que a adrenalina estava num número nunca antes registrado.
- Sempre fui pacato. O máximo que me permitia aventurar era junto com os personagens dos livros de mistério que adorava ler. Acho que essa era a única coisa que aproximava Mário e eu. Ele era um cara legal, mas, diferente de mim, gostava de emoções reais; acampamentos, pescarias, e até balonismo, sua grande paixão. Eu ficava sem fôlego quando os personagens faziam isso, imagina se fosse eu. Chorei para ele.
- Não consigo entender como ninguém ainda deu notícias dessa fera. Não acredito que ela possa ter evaporado. — Meu caro Artur Dent. Temos que mudar a estratégia. — Ligar para a polícia?
- Bem capaz. Vou chamar reforços.

E juntou ação às palavras. Pegou o telefone, sem se importar em ser quase quatro horas. Madrugada e atenderam ao segundo toque.

— Alô, Marisa Prefect. Temos uma missão.

Siqueira parecia um enorme gafanhoto, com suas largas pernas da sala, enquanto fazia várias ligações que eu não acreditava que atendiam ele prontamente. Quem seriam esses notívagos?

— Pronto. Agora vamos preparar um café para esperá-los.

— Esperar quem?

— O quinteto literário. Vamos desentocar esse bicho, na próxima noite.

— Seus amigos vão querer se expor em troca de uma história?

— Estás brincando? Esse pessoal pagaria para participar de uma caça ao tesouro; onça, caça à onça.



(Um bando querendo fazer história)

Moro na mesma casa que me criei e que minha família morou desde que ainda era chamada de Rua do Arvoredo. É, aquela mesma rua do açougueiro que fazia linguiça de carne humana, cem anos antes de eu nascer. Na primeira esquina da Fernando Machado, bem pertinho da escadaria. É uma casa antiga, e como tal, feita para uma grande família. Mas a sala ficou pequena para o quinteto, que veio acompanhar nossa epopeia.

A grande, grande mesmo, Marisa Prefect parecia exercer um fascínio no resto do bando. Todos pareciam concordar com suas opiniões. Ainda bem que ela acreditou na minha história.

Foi ela que me apresentou os outros integrantes do, disse ela, mais eclético clube de leitura da região metropolitana. Exageradamente, elogiou a residência dizendo que sentia em pleno século dezanove. No que foi repetida por uns quantos. Fez sinal para um jovem quatrilhos que estava perto da janela.

— Não se deixe enganar pelo rostinho de criança. O professor Pensador Marvin é o maior expert em história porto-alegrense. O criancão passou a mão direita na trança enquanto a outra encostava nos óculos.

Mostrou a pose de educador.

— A cerca de um mês, uma onça parda foi flagrada em vídeo, andando pelo Parque Estadual de Itapuã, em Viamão. — A que eu vi era pintada.

— A onça pintada está em um risco muito grande de extinção. Não existe, pelo menos aqui perto, nenhuma solta. O habitat natural delas são as florestas que não encontramos mais por aqui.

— Tá, tá, tá. Muita especulação. Supondo que eutem mesmo visto esse bicho, de onde ele poderia ser oriundo?

A Prefeita interrompeu, para me salvar das teorias. — Isso é o que menos nos importa. De onde ela veio não interessa. Precisamos saber onde está agora, como encontrá-la e, se possível, devolvê-la para a tal floresta que não temos.

As concordâncias foram quase uma ovação. Realmente feito.

Ela usou sua opulência, como sempre fazia (eu achei isso). Levantou as mãos, pedindo silêncio. Apontou para a mulher que ela chamou de Florência.

— Florência, por favor, colabore com o dono da casa, ele está tentando deixar de fumar. Vá fumar lá fora.

Como é que ela sabia?

A mulher, apesar de ser loira, parecia realmente ser uma personagem de um tango argentino. A altura, o comprimento dos cabelos, até a fresta no vestido que encanta os Hermanos. Apenas a voz contrastava; com o tom entre o agudo de uma menina e o miado de uma gata no cio, fazia todos escutarem o que tinha a dizer. Jogou o cigarro pela janela, com uma força prática...

— Creo que nosotros devemos esperar la madrugada e varremos o centro da ciudad, revirando cada beco, cada viela e cada escurinho, em busca dessa onça.

Oportunidade da grandalhona não impediu que todos aplaudissem. Claro que as palmas foram puxadas pela Marisa Perfeita. O professor ainda tentou discordar, mas ficou com o

dedo em riste. Desistiu de contrariar e voltou a encarar a janela que permitia ver apenas alguns malcuidados pés decarambola.

O gordinho calado que eu tinha notado não ser de muito assunto, também fez menção de falar alguma coisa, mas a chefona não deu tempo.

Ela parecia prever os passos de todos. Talvez conhecesse bem aquela turma.

— Então esqueçam que este nosso amigofofinho é detetive da polícia. Douglas Prosser poderá nos dar um amparo legal, caso tenhamos que infringir alguma lei.

A Grande soltou uma gargalhada que foi, naturalmente, imitada por todos.

O agente da lei deu meio sorriso e olhou para o ruivo que mais tarde eu soube que era o marido dele.

Fiquei olhando para o quinto elemento do quinteto, enquanto pensava no porquê do Siqueira não se incluir no grupo e chamá-lo de sexteto.

O ruivo bombado parecia uma estátua grega. E agia como se fosse. Para mim, parecia que ele estava sempre procurando uma câmara.

Ou posando para uma selfie. De vez em quando lançava um olhar meloso para o policial.



Espero que esta amostra tenha deixado você com vontade de ler a novela inteira. Mande um feedback contando o que achou, mostre para seus contatos, ajude divulgar nossos autores contemporâneos.

editorameianoite@gmail.com





Patrocínio para divulgação:

Serigrafia Porto Screen

Ricardo Porto



(51) 992914531

Rua Cedro 206

Alvorada RS

